

Editorial: A crença, uma questão

Resumo: O presente texto apresenta o dossiê “A crença em questão”, oferecendo chaves de leitura para os seis artigos, a tradução e as duas resenhas que o compõem. Do conjunto apresentado destaca-se a crença como fenômeno histórico-teórico que tem como traço constitutivo o jogo entre convenção e abertura semântica.

Palavras-chave: Editorial; crença; abertura semântica.

O dossiê aqui apresentado resulta da conjunção de pesquisas diversas que, em comum, debruçam-se sobre o fato antropológico da crença. Lançado por uma chamada que punha “A crença em questão”, o que se mostra pelo rico panorama por ela formado é sua irredutibilidade. A disposição subjetiva a crer se nos aparece, em si mesma, como questão orientadora e por isso sempre revisitada, instigando as mais diversas cogitações. No que se segue, retomo os argumentos dos artigos a largos passos, pretendendo apenas fazer um convite aos possíveis leitores: que disponham como quiserem das chaves de leitura que eu mesma, enquanto simples leitora, forjei... Mas que, com seu artifício, entrem.

Os dois primeiros artigos concentram-se em momentos históricos em que a experiência do crer ganha como uma dobra, sendo tematizada em sua duplicidade: o primeiro, na Antiguidade do “velho mundo”, no momento em que ali despontam, no âmbito do discurso, novas facetas da racionalidade; o segundo, na Europa moderna confrontada, em seu domínio colonial, a formas de vida que desafiam sua tradição de pensamento.

“Pirronismo, Mādhyamaka e a crítica da crença”, de autoria de Gisele Amaral dos Santos e Breno Lopes de Freitas Xavier, traça um paralelo entre a escola filosófica cética, em particular o ceticismo pirrônico, e a escola Mādhyamaka, expressão filosófica do budismo. A rica correlação ressalta a disposição comum em duvidar do que se toma como “crenças dogmáticas” – crenças

baseadas em afirmações assertivas e metafisicamente justificadas acerca do caráter da realidade. Ambas as escolas adotam como orientação filosófica não a busca da verdade, a elaboração de uma teoria, mas a determinação de doutrinas capazes de orientar para o bem viver. Esse deslocamento da finalidade do exercício filosófico as leva a assumir para si outra modalidade de crença: a crença atrelada ao mundo fenomênico, crença que compartilha com esse mundo sua relatividade. Portanto, cétricos e mādhyamikas, em sua postura crítica, já distinguem duas formas do crer. Mas há ainda uma dobra a mais, interna à reflexão acerca da crença no mundo das aparências. Com efeito, as duas escolas apresentam a esse respeito elaborações diversas, mesmo que afins: enquanto para o cétrico Sexto Empírico a “natureza imediata, direta e afetiva da aparência [...] é tomada por evidente e assumida [...] como o critério (*kriterion*) para ação” (p. 16), para a escola mādhyamika o contorno das aparências dá a ver o vazio, ou o “evidentemente não-evidente” (p. 18). A leitura do texto abre mil maneiras de ecoar esse choque.

Em “Uma terceira idolatria? Crença e descrença em Deus entre os ameríndios segundo Alonso de La Peña Montenegro (1668)”, de Bento Machado Mota, é um estudo cuidadoso da obra do jesuíta espanhol Alonso de La Peña, encontrando em sua discussão do argumento teológico da idolatria a possibilidade de se pensar a incredulidade. Relevante em si mesma dentro do contexto da discussão teológica reconstituída no artigo, essa inovação argumentativa mostra ainda sua importância no âmbito mais largo da história das ideias. De La Peña, nomeado bispo de Quito em 1653, confrontou-se a comunidades indígenas ainda pouco habituadas à evangelização, o que o instou a torcer o conceito de crença que herdara da tradição teológica. Esta, assimilando o conhecimento de Deus ao mais refinado exercício da razão, estabelece também que a crença em Deus pode se dar pela sensibilidade, devendo, portanto, ser universal. Ora, alterado por sua “experiência americana” (p. 39), De la Peña passa a admitir que, caso nem o entendimento nem a vontade compareçam na transmissão e prática da crença, é possível não se alcançar a crença em Deus. Testemunho do complexo e lento movimento moderno de abertura à alteridade, o jesuíta, em vez de condenar a incredulidade, reinveste figuras do decréscimo da razão – como a suposta ignorância indígena – e acaba traçando em negativo um espaço, ainda virtual, em que vida e crença no Deus cristão não comungam.

O terceiro artigo de nosso dossier, vemos Sigmund Freud acercar-se da crença monoteísta em Deus e os efeitos teóricos de sua indagação no campo psicanalítico. Em “Das flores no jardim a um vivenciar religioso: a abordagem freudiana da crença e da descrença”, Bruno Pinto de Albuquerque concede aos leitores a rara oportunidade de acompanhar o desenrolar do questionamento teórico por dentro da “vivência”, tanto de Freud como do próprio autor (que faz questão de admitir suas dívidas com outros e valorizar suas interlocuções). A diferença de tom entre a primeira e a última partes do texto nos permite perceber essa passagem do “pensamento na vida” para a “vida do pensamento”: acompanhamos Freud falar despreocupadamente sobre a noção de eternidade e seus percalços e afirmar seu pertencimento ético ao judaísmo; em seguida o vemos entregar-se ao prazeroso exercício de interpretação em que – o autor o nota com espirituosa argúcia – Freud não se excetua ao “fado” que empresta à humanidade e, ademais, abre novos caminhos; por fim, o autor nos apresenta o desenvolvimento que Reik emprestara à hipótese freudiana – já em estilo tomado pela exigência da descrição conceitual mais cerrada. O conjunto resulta num trabalho que, ao nos aproximar das vivências de Freud, nos leva a revisitar nossas vivências a partir do pensamento e, para retomar as palavras do autor em conclusão, de seu “fracasso” em querer-se apenas razão.

O artigo de Cristiano Barros, em “Quando crer é fazer: por uma pragmática das crenças a partir de Dan Sperber e Michel de Certeau”, aborda a crença enquanto ato, isto é, enunciação e comportamento. Barros aposta na apresentação dos dois autores mencionados no título a fim de propor, em conclusão, uma síntese original e muito fecunda para se pensar a dimensão pragmática do crer. A elaboração do antropólogo e cientista da cognição Dan Sperber acerca do que nomeia “representações semiproposicionais” enraíza a crença num terreno linguístico que a legitima enquanto forma particular de cognição – particular porque tendente à particularização, acolhendo “muitas interpretações possíveis” (p. 72). Por essa via, Sperber pode ir ao encontro do antropólogo e historiador Michel de Certeau, que integra o trabalho de Sperber em seus últimos e pouco conhecidos escritos sobre o fenômeno do crer (p. 81). Neles, apresentados com especial clareza por Barros, a forma linguageira dos “enunciados recebidos como prováveis por sua fonte de autoridade” (p. 77) contém em si sua expansão, qualificada como “poética”, mas também “instituinte” (p.82). Com efeito, Michel de Certeau, assim como Sperber, enfatiza a dimensão

pragmática da crença, o elo entre linguagem, ação e instituição, o que permite a Cristiano Barros oferecer uma “pragmática das crenças” sob a forma de “sistema” (p. 82). Caminharia esse sistema “rumo à proposicionalidade” (p. 82), pergunta-se o autor. Sem pretender tanto, Barros preocupa-se antes em responder por um exercício de pensamento às exigências assustadoras de nossa contemporaneidade.

A última dupla de artigos é como “a mão e a luva”. O primeiro explora a circulação da crença entre a prática social concreta e a narrativa ficcional, enquanto o segundo quer-se um estudo teórico dos efeitos de crença provocados pela “ficção” tal como tematizada na *Poética* de Aristóteles.

Amanda Corrêa Tortato, em “‘O mais antigo gênero de ficção que se conhece’: Conto do vigário (Rio de Janeiro, 1885-1895)”, parte de uma crônica de Machado de Assis para se debruçar sobre o curioso fenômeno social referido no título, que o leitor deve, feliz ou infelizmente, conhecer. Querendo saber “como normas e expectativas compartilhadas entre os indivíduos podem criar um terreno fértil para o golpe” (p. 88), a autora explora com admirável perspicácia o potencial semântico-pragmático do “conto”. Se o conto, forma de escrita ficcional, atrai por seu “clímax” as expectativas dos leitores, o golpe do conto do vigário também “segue um roteiro cuidadosamente elaborado” (p. 92), partindo de elementos que orientam a vida cotidiana, para alcançar o momento de virada, o logro de sua vítima. Golpistas e vítimas se viam ainda enredadas por outro conto: o conto de réis, o dinheiro, ou ainda a promessa do lucro extraordinário que motiva o golpe e atrai por seu brilho intenso quem nele cai. Nessa dinâmica social da ficção, a autora percebe um “desejo de ser surpreendido” (p. 102) articulando ficcional e fictício, a ultrapassagem do “previsível” da ordem social por uma “promessa de extraordinário” (p. 90) beirando o “inverossímil” (p. 100). Ela o nomeia “a necessidade da crença” (p. 102): na moeda, nas palavras e, ousar acrescentar, na ficção.

A ousadia se deve ao fato de que o artigo subsequente, “*Mímesis e méti*s: A verossimilhança como instigadora da crença”, de minha autoria, ressalta a mobilização da crença como um elemento central da narrativa ficcional, ressoando sem o haver pretendido o estudo de Amanda Tortato. O francês Michel de Certeau volta a aparecer, mas dessa vez o seu *A Invenção do cotidiano I* (1980), em que o laço entre práticas e crença, já explorado por Barros, dá mais um

nó para integrar a narrativa. Partindo de sua elaboração, leio a *Poética* de Aristóteles a fim de pensar estratégias textuais que mobilizam a crença tal como a apreendo pela escrita de Certeau: crer é tornar o possível em expectativa. Sob esse enfoque, a noção de *mimesis*, cuja forma antiga deve muito a Aristóteles e opera teoricamente em sua *Poética*, inclui no conjunto de suas concreções uma “verossimilhança” revisitada. Se a *mimesis* é jogo humano entre semelhanças e diferenças, a categoria retórica da verossimilhança expande-se na forma narrativa em um gradiente que vai do provável ao improvável, do já possível a um outro possível. Nessa conversão, a disposição subjetiva a crer é convocada pela forma narrativa, ou, mais precisamente, por dois de seus elementos constitutivos: o jogo com a pluralidade semântica e a reviravolta.

Para ampliar o escopo da leitura, o presente dossier oferece três textos complementares. O primeiro é o ensaio “Potencial de uma trilha mental: No espólio do teórico da literatura Wolfgang Iser”, escrito por Hans Ulrich Gumbrecht e traduzido por Luiz Costa Lima, que oferece ao leitor uma porta de entrada para a obra do fundador da teoria estética do efeito. Incontornável para quem queira evitar a dicotomia empobrecedora ficção x realidade e, portanto, pensar a incidência da crença na constituição da cultura, fez-se importante lembrar Wolfgang Iser, aproveitando-se também a chance de publicar um texto que apresenta o “potencial” teórico dos últimos e pouco conhecidos desenvolvimentos do autor.

Em seguida, a resenha do mais recente livro de Renato Lessa, *Ceticismo em movimento* (2024), feita por Anna Carolina Temporão, oferece aos leitores um minucioso panorama do que o autor qualifica como disposição filosófica cética. Lançada há pouco e já referência obrigatória, a obra atravessa a história do Ocidente para chegar à nossa margem, dando ao leitor deste dossier a chance de aprofundar tanto o debate sobre o ceticismo antigo como a discussão moderna sobre a crença, mas da ousada perspectiva do ceticismo moderno.

Encerrando o dossier com chave de ouro, o livro *Como uma gota de água no mar: Michel de Certeau, a teologia e a história* (2023), de Cristiano Barros, é apresentado pela resenha esclarecedora de Anna Beatriz Esser dos Santos. Resultado de uma importante pesquisa de doutoramento acerca da relação entre teologia e história na obra de Michel de Certeau, o livro é de grande interesse para quem deseja aprofundar-se na reflexão do intelectual francês acerca da

crença – agora tematizada enquanto experiência de fé inscrita na história. A obra do “maior teólogo para os dias de hoje”, como o pensa o Papa Francisco, ganhou com este livro um excelente desdobramento.

O conjunto aqui oferecido se quer um lócus de reflexão sobre o fenômeno da crença em seu atravessamento teórico na história do Ocidente. Ao fim da leitura, deseja-se que possamos considerar o desafio a nós posto contemporaneamente como novo emaranhado dos tantos fios em que o crer a cada vez nos enreda. Boa leitura!

Editores:

Clarissa Paranhos de Araújo Ribeiro ⁱ
(Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Sueli Cavendish ⁱⁱ
(Universidade Federal de Pernambuco)

ⁱ Doutoranda no programa de pós-graduação em História social da cultura (departamento de História - Puc-Rio).
E-mail: issapar1592@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8540-9339>

ⁱⁱ Universidade Federal de Pernambuco - Departamento de Letras.
E-mail: sdishly@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0589-5400>



Eutomia, direitos autorais de Clarissa Paranhos de Araújo Ribeiro e Sueli Cavendish, 2025, licenciado sob [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).